

ROBERTO SAVIANO

Zero zero zero

Tradução

Federico Carotti

Joana Angélica d'Avila Melo

Marcello Lino

Maurício Santana Dias

Copyright © 2013 by Roberto Saviano
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Zero Zero Zero

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa
Tahoo/ Shutterstock.com

Preparação
Silvana Afram

Índice onomástico
Luciano Marchiori

Revisão
Thaís Totino Richter
Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Saviano, Roberto
Zero zero zero / Roberto Saviano ; tradução Federico Carotti...
[et al.]. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: Zero zero zero.
Outros tradutores: Joana Angélica d'Avila Melo, Marcello
Lino, Maurício Santana Dias.
ISBN 978-85-359-2482-4

1. Indústria da cocaína – Itália 2. Traficantes de drogas – Itália
3. Tráfico de drogas I. - Título.

14-08373

CDD-363.45

Índice para catálogo sistemático:

1. Tráfico de drogas : Problemas sociais 863.45

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Cocaína # 1	11
1. A aula	15
2. Big bang	25
Cocaína # 2	43
3. Guerra pelo petróleo branco	45
4. Mata amigos	64
Cocaína # 3	79
5. A ferocidade se aprende	85
6. Z	99
Cocaína # 4	111
7. O <i>pusher</i>	117
8. A bela e o macaco	128
9. Caldeirão do Diabo.....	167
10. A árvore é o mundo	191
Cocaína # 5	229
11. O peso do dinheiro	233
12. Operação lavagem de dinheiro	264
13. Os czares rumo à conquista do mundo	280

Cocaína # 6	309
14. Rotas	311
15. A África é branca	333
Cocaína # 7	347
16. Quarenta e oito	355
17. Cães	362
18. Quem conta morre	367
19. <i>Addicted</i>	375
20. 000	387
<i>Agradecimentos</i>	395
<i>Índice onomástico</i>	399

Cocaína # 1

O sujeito sentado agora a seu lado no metrô cheirou para acordar hoje de manhã; ou o motorista do ônibus que te leva pra casa porque quer fazer hora extra sem sentir dor na cervical. As pessoas mais próximas de você cheiram. Se não é seu pai ou sua mãe, se não é seu irmão, então é seu filho. Se não é seu filho, é seu chefe. Ou a secretária dele, que só cheira aos sábados pra se divertir. Se não é seu chefe, é a mulher dele que cheira para ir vivendo. Se não é a mulher, é a amante dele, a quem ele dá pó de presente, em vez de brincos e diamantes. Se não são eles, é o caminhoneiro que faz chegar toneladas de café nos bares da sua cidade e que não conseguiria aguentar todas aquelas horas de estrada sem pó. Se não é ele, é a enfermeira que está trocando o cateter do seu avô, para quem o pó deixa tudo mais leve, até mesmo as noites. Se não é ela, é o pintor que está pintando a sala da casa da sua namorada, que começou por curiosidade e depois se viu contraindo dívidas. Quem cheira está ao seu lado. É o policial que está a ponto de te parar, que cheira faz anos, e agora todos se deram conta e escrevem cartas anônimas que mandam a seus superiores esperando que o suspendam antes que faça alguma besteira. Se não é ele, é o cirurgião que está acordando agora para operar sua tia e que graças ao pó consegue abrir até seis pessoas por dia, ou o advogado que você vai consultar para o seu divórcio. É o juiz que se pronunciará sobre sua causa cível e não considera o

pó um vício, só uma ajuda para gozar a vida. É a atendente que está te dando o bilhete de loteria que você espera que possa mudar seu destino. É o marceneiro que está fazendo pra você um móvel que te custou o salário de um mês. Se não é ele que cheira, é o montador que veio à sua casa instalar seu armário comprado na Ikea, que você não seria capaz de montar. Se não é ele, é o síndico do seu prédio que vai te interfonar em alguns minutos. É o electricista, este mesmo que agora está tentando mudar a tomada do quarto de lugar. Ou o cantor que você ouve para relaxar. O padre, que você foi ver para saber se pode se crismar porque precisa batizar o neto e que fica estupefato por você ainda não ter recebido esse sacramento, cheira. Os garçons que te servirão no casamento de sábado, se não dessem um tiro, não conseguiriam ter nas pernas tanta energia por horas a fio. Se não são eles, é o fiscal da prefeitura que acaba de estabelecer novas áreas de pedestre e recebe pó de graça em troca de favores. O manobrista cheira, agora ele só fica alegre assim. O arquiteto que reformou sua casa de veraneio; o carteiro que te entregou uma carta com seu novo cartão de crédito também. Se não ele, a moça do SAC que te responde com voz cristalina e pergunta em que pode ser útil. Aquela alegria, igual em todo telefonema, é efeito do pó branco. Se não ela, o assistente que está sentado agora à direita do professor à espera de te examinar. O pó o deixou nervoso. O fisioterapeuta que está tentando recuperar seu joelho, e ele, ao contrário, fica sociável com pó. O atacante cheira, aquele que marcou um gol arruinando a aposta que poucos minutos antes do fim da partida você estava ganhando. A prostituta que você pega antes de voltar pra casa, quando precisa se desafogar porque não aguenta mais, cheira. Ela usa pó para não ver mais quem está na frente dela, atrás, em cima, embaixo. O garoto de programa, que você se deu de presente para seus cinquenta anos, cheira. Você e ele. O pó dá a ele a sensação de ser o mais macho de todos. O *sparring* com que você treina no ringue para tentar emagrecer cheira. Se não ele, o instrutor de equitação da sua filha, a psicóloga da sua mulher. O melhor amigo do seu marido, aquele que faz anos te paquera e que nunca te agradou, cheira. Se não ele, o diretor da sua escola. O bedel cheira. O corretor que está fazendo corpo mole justo agora que você conseguiu se liberar para ver o apartamento. Cheira pó o segurança, aquele mesmo que ainda está com o relatório quando todos já arrancam os cabelos por não o terem recebido. Se não ele, o tabelião a cujo escritório você gostaria de não voltar nunca mais, que cheira para não pensar nas pensões devidas às

mulheres que deixou. Se não ele, o taxista que xinga o trânsito mas depois fica alegre. Se não ele, o engenheiro que você tem de convidar à sua casa porque quem sabe ele não te ajuda a conseguir uma promoção. O guarda que está te multando e, enquanto fala, sua em bicas, apesar de ser inverno. O lavador de para-brisas de olhos cavos, que só consegue comprar pó com dinheiro emprestado, ou aquele rapaz que enche os carros de folhetos publicitários, cinco de cada vez. O político que te prometeu um alvará de funcionamento, aquele que você enviou ao Parlamento com seus votos e os da sua família, e que está sempre nervoso. O professor que te ferrou num exame, à sua primeira hesitação. Ou o oncologista que você tem consultado, te disseram que é o melhor, e que você espera que possa te salvar. Ele, quando cheira, se sente onipotente. Ou o ginecologista, que se esquece de jogar fora o cigarro antes de entrar na sua casa e examinar sua mulher, que está sentindo as primeiras contrações. Seu cunhado que nunca está alegre, o namorado da sua filha que, ao contrário, sempre está. Se não são eles, então o peixeiro, que arruma lindamente o peixe-espada, ou o frentista que esparrama a gasolina fora do carro. Cheira para se sentir jovem, mas não consegue mais inserir no lugar certo o bico da mangueira. Ou o médico do plano de saúde, que você conhece há anos e que te faz passar na frente sem esperar na fila, porque sabe o que você vai lhe dar de presente de Natal. O porteiro do seu prédio cheira, se não ele, a professora que dá aulas de reforço a seus filhos, o professor de piano do seu neto, a camareira da companhia de teatro a que você vai assistir esta noite, o veterinário que trata do seu gato. O prefeito com quem você foi jantar. O construtor da casa em que você mora, o escritor que você lê antes de dormir, a jornalista que você vai ver no telejornal. Mas se, pensando bem, você acha que nenhuma dessas pessoas cheira cocaína, ou você é incapaz de ver, ou está mentindo. Ou, simplesmente, quem cheira é você.

1. A aula

“Estavam todos numa mesa, em Nova York mesmo, não longe daqui.”

“Onde?”, perguntei instintivamente.

Olhou para mim como se dissesse que não acreditava que eu fosse tão idiota a ponto de fazer perguntas como aquela. As palavras que eu estava para ouvir eram uma troca de favores. A polícia, alguns anos antes, havia detido um rapaz na Europa. Um mexicano com passaporte americano. Mandado para Nova York, evitaram que fosse preso, o deixaram em banho-maria, imerso nas águas do tráfico da cidade. Às vezes contava alguma coisa, em troca não o prendiam. Não era exatamente um cagete, mas algo parecido, o que não o fazia sentir-se um infame, tampouco um silencioso e *omertoso** afiliado que nunca abria a boca. Os policiais lhe perguntavam coisas genéricas, não circunstanciais a ponto de poder expô-lo ante o grupo. Bastava que relatasse um zum-zum, um humor, rumores de reuniões ou de guerras. Nem provas nem indícios: rumores. Os indícios seriam buscados num segundo momento. Mas agora isso já não bastava: o rapaz havia gravado em seu iPhone um discurso durante uma reunião de que havia participado. E os policiais estavam inquietos. Alguns deles, que eu conhecia havia anos, queriam que eu escrevesse algo

* Que segue a *omertà*, código de honra da Camorra. (N. T.)

a respeito em algum lugar, fazendo barulho para testar as reações, para entender se a história que eu estava por ouvir tinha mesmo acontecido como o rapaz dizia ou se, ao contrário, não passava de encenação, um teatrinho construído por alguém para servir de isca a chicanos e italianos. Eu devia escrever para criar uma agitação nos ambientes em que aquelas palavras tinham sido pronunciadas, em que tinham sido ouvidas.

O policial me esperou no Battery Park, num pequeno píer, sem gorro nem óculos de sol. Nenhuma camuflagem ridícula: chegou envergando uma camiseta coloridíssima, sandálias e o sorriso de quem não vê a hora de contar um segredo. Falava um italiano cheio de inflexões dialetais, mas compreensível. Não procurou nenhuma forma de cumplicidade, havia recebido ordens de me contar aquele fato e o fez sem muitos preâmbulos. Lembro perfeitamente. Aquele relato ficou dentro de mim. Com o tempo me convenci de que não conservamos somente na cabeça as coisas que recordamos, elas não estão todas na mesma zona do cérebro; me convenci de que outros órgãos também têm uma memória. O fígado, os testículos, as unhas, o peito. Quando você ouve as palavras finais, elas ficam grudadas ali. E quando essas partes se lembram, enviam o que registraram ao cérebro. Não raro me dou conta de me lembrar de algo com o estômago, que armazena o belo e o horrendo. Sei que estão ali certas lembranças, sei disso porque o estômago se mexe. E às vezes a barriga também. É o diafragma que cria ondas: uma lâmina delgada, uma membrana plantada ali, com as raízes no centro do nosso corpo. É dali que tudo parte. O diafragma faz você bufar, enraivecer-se, arrepiar-se, mas também mijar, defecar, vomitar. É dali que parte o impulso durante o parto. E também estou certo de que há pontos que recolhem o pior: conservam os dejetos. Não sei onde é esse ponto dentro de mim, mas ele está cheio. E agora está saturado, tão repleto que não cabe mais nada. Meu espaço das lembranças, ou melhor, dos dejetos, está farto. Poderia parecer uma boa notícia: não há mais espaço para a dor. Mas não é. Se os dejetos não têm mais aonde ir, começam a se meter onde não devem. Se enfiam nos espaços que recolhem memórias diversas. O relato daquele policial lotou definitivamente a parte de mim que se lembra das piores coisas. Aquelas coisas que afloram quando você pensa que tudo está indo melhor, quando se abre para você uma manhã luminosa, quando você volta para casa, quando você pensa que no fundo valia a pena. Nesses momentos, como uma regurgitação, como uma exalação, de alguma parte surgem lembranças obscuras, como

os detritos num lixão que, sepultados pela terra, cobertos de plástico, encontram seu caminho para vir à tona e envenenar tudo. Pois é justamente nessa zona do corpo que conservo a memória daquelas palavras. E é inútil procurar sua latitude exata, porque mesmo que encontrasse esse lugar não adiantaria nada esmurrá-lo, esfaqueá-lo, espremê-lo para extrair palavras como pus de uma ferida. Está tudo ali. Tudo deve permanecer ali. E ponto final.

O policial me contava que o rapaz, seu informante, havia escutado a única aula que vale a pena escutar e a tinha gravado clandestinamente. Não para traír, mas para ouvi-la de novo. Uma aula sobre como se vive no mundo. E ele o deixou ouvi-la por inteiro: um fone no seu ouvido, outro no do rapaz, que com o coração a mil por hora havia ligado o áudio do discurso.

“Agora você escreve, e vamos ver se alguém fica putó... Se ficar, quer dizer que esta história é verdadeira e temos uma confirmação. Se você escrever e ninguém fizer nada, então, ou é uma grande mentira de algum ator de filme B, e o nosso chicano nos levou na conversa, ou então... ninguém acredita na merda que você escreve e nesse caso foderam a gente.”

E desatou a rir. Eu anuí. Sem prometer, procurava entender. Um velho *boss* italiano tinha dado a aula, diante de uma assembleia de chicanos, italianos, ítalo-americanos, albaneses e ex-combatentes dos Kaibiles, os legionários guatemaltecos. Pelo menos, é o que dizia o rapaz. Não eram informações, cifras e detalhes. Não era algo a aprender a contragosto. Você entra numa sala de um jeito e sai de outro. Você está com a mesma roupa, o mesmo corte de cabelo, os pelos da barba do mesmo comprimento. Não tem sinais de adestramento, cortes nas arcadas superciliares ou nariz quebrado, não tem o cérebro lavado com sermões. Você entra e, à primeira vista, sai igual a como foi empurrado para dentro. Mas igual só por fora. Por dentro é bem diferente. Não te revelaram a verdade final, mas simplesmente puseram no devido lugar umas tantas coisas. Coisas que antes daquele momento você não havia entendido como utilizar, tido a coragem de aprender, organizar, observar.

O policial lia para mim a transcrição que tinha feito do discurso numa agenda. Eles tinham se reunido num lugar, não muito longe de onde estamos agora. Sentados a esmo, sem nenhuma ordem, não em ferradura como nas funções rituais de afiliação. Sentados como se senta nos círculos recreativos das aldeias do Sul da Itália ou nos restaurantes da Arthur Avenue, assistindo a uma partida de futebol na TV. Mas naquela sala não havia nenhuma partida de

futebol e nenhuma reunião entre amigos, eram todos gente afiliada em diversos graus às organizações criminosas. Quem se levantou foi o velho italiano. Sabiam que era um homem de honra, como são chamados os integrantes da máfia calabresa 'Ndrangheta, que viera para os Estados Unidos depois de viver um bom tempo no Canadá. Começou a falar sem se apresentar, não tinha por quê. Falava numa língua espúria, italiano misturado com inglês e espanhol, às vezes usava dialeto. Eu quis saber o nome dele, tentei perguntar ao policial simulando uma curiosidade momentânea e casual. O policial nem sequer procurou responder. Eram apenas as palavras do *boss*.

“*U munnu de chiri ca cridanu de puti campà cu ra* justiça, com leis iguais para todos, *cu na bona fatiga*, dignidade, ruas limpas, as *fimmine** iguais aos homens, é um mundo de veados que acreditam poder se tapear a si mesmos. E de quem gira em torno deles. Vamos deixar para os idiotas as babaquices sobre o mundo melhor. Os idiotas ricos que compram esse luxo de acreditar no mundo feliz, no mundo justo. Ricos com sentimento de culpa ou com alguma coisa a esconder. *Who rules just does it, and that's it*. Quem manda faz, e ponto. Ou pode dizer que manda pelo bem, pela justiça, pela liberdade. Mas isso são coisas de *fimmine*, deixemos para os ricos, para os idiotas. Quem manda, manda. E ponto final.”

Eu tentava perguntar como ele estava vestido, quantos anos tinha. Perguntas de um rele cronista, de um curioso, de um obsessivo que acredita, com esses detalhes, poder chegar à tipologia do *capo* que pronuncia esse gênero de discurso. Meu interlocutor me ignorava e continuava. Eu o ouvia e peneirava as palavras como se fossem areia para encontrar a pepita, o nome. Ouvia aquelas palavras, mas procurando outra coisa. Procurando indícios.

“Ele queria explicar as regras, entende?”, me disse o policial. “Queria que elas os penetrassem. Tenho certeza de que não mentiu. Garanto que ele não está inventando, o mexicano. Juro pela minha alma, mesmo que ninguém acredite em mim.”

Fixou o olhar na agenda e continuou a ler.

“As regras da organização são as regras da vida. As leis do Estado são as regras de uma parte que quer foder a outra. *E nui nun cci facimu futte e nessesu-*

* Um mundo dos que acreditam poder viver com [justiça, com leis iguais para todos], com um bom trabalho [dignidade, ruas limpas, as] mulheres [...]. (N. T.)

nu.* Tem quem ganhe dinheiro sem riscos, e esses senhores sempre terão medo de quem, ao contrário, ganha dinheiro arriscando tudo. *If you risk all, you have all, capito?*** Se ao contrário acha que deve tirar o corpo fora ou que pode se dar bem sem prisão, sem fugir, sem se esconder, então é melhor deixar claro logo de uma vez: você não é um homem. E se vocês não são homens, saiam já desta sala e nem esperem por nós, *ca cchiu diventati uamini*,*** nunca na vida serão homens de honra.”

O policial olhava para mim. Seus olhos eram duas frestas, estreitados como se para focalizar aquilo de que ele se lembrava muito bem. Tinha lido e ouvido aquele depoimento dezenas de vezes.

“*Crees en el amor? El amor se acaba. Crees en tu corazón? El corazón se detiene. No? No amor y no corazón? Entonces crees en el coño?***** Mas mesmo a boceta depois de algum tempo fica seca. Acredita na sua mulher? Mal acaba a grana ela te dirá que você não dá bola pra ela. Acredita nos seus filhos? Nem bem você lhes nega mais dinheiro eles dirão que você não os ama. Acredita na sua mãe? Se você não a paparicar, ela dirá que você é um filho ingrato. *Escucha lo que digo*:***** você tem que viver. A gente deve viver para si mesmo. É para si mesmo que é preciso saber ser respeitado e respeitar. A *famiglia*. Respeitar quem lhes serve e desprezar quem não lhes serve. O respeito: conquista quem pode dar alguma coisa, perde quem é inútil. Por acaso, vocês não são respeitados por quem quer alguma coisa de vocês? Por quem tem medo de vocês? E quando vocês não podem dar nada? Quando vocês não têm mais nada? Quando vocês não servem mais? São considerados lixo. Quando vocês não podem dar nada, não são nada.”

“Aí entendi”, me dizia o policial, “que o *boss*, o italiano, era um cara que contava, um cara que conhecia a vida. Que conhecia de verdade. O mexicano não pode ter forjado aquele discurso sozinho. O chicano foi à escola até os dezesseis anos, e o contataram em Barcelona numa biboca. Como é que um

* E nós não nos deixamos foder por ninguém.

** Se você arrisca tudo, você ganha tudo, entendeu?

*** Porque por mais que se tornem homens, [...].

**** Você acredita no amor? O amor se acaba. Acredita no seu coração? O coração para. Não? Não amor e não coração? Então acredita na boceta?

***** Ouça o que eu digo: [...].

ator ou um enganador faria para inventar aquele calabrês? Se não fosse a avó da minha mulher, nem eu teria entendido o dialeto.”

Discursos de filosofia moral mafiosa eu tinha ouvido às dezenas nas declarações de arrependidos, nas escutas telefônicas. Mas este tinha uma característica insólita, se apresentava como um adestramento da alma. Era uma crítica da razão prática mafiosa.

“Falo com vocês, e até simpatizo com alguns de vocês. Já de alguns eu quebraria a cara. Mas mesmo o mais simpático de vocês, se tem mais bocetas e grana que eu, quero ver morto. Se um de vocês se torna meu irmão e eu o elejo meu igual na organização, o destino é certo: ele tentará me foder. *Don't think a friend will be forever a friend.** Serei morto por alguém com quem compartilhei prato, cama, tudo. Serei morto por quem me deu abrigo, *da cu me fici ammucciari.*** Não sei quem é, senão já o teria eliminado. Mas vai acontecer. E se não me matar, me trairá. A regra é a regra. E as regras não são as leis. As leis são para os covardes. As regras são para os homens. Por isso temos regras de honra. As regras de honra não te dizem que você deve ser justo, bom, correto. As regras de honra te dizem como se manda. O que você deve fazer para administrar gente, grana, poder. As regras de honra te dizem como fazer se você quiser mandar. Se não quiser ser fodido por quem está abaixo de você. Elas foram feitas por si mesmas, a sangue e no sangue de todo homem de honra. Como você pode escolher?”

Aquela pergunta era para mim? Eu procurava a resposta mais justa. Mas esperei prudentemente antes de falar, pensando que talvez o policial ainda estivesse reproduzindo as palavras do *boss*.

“Como você pode escolher em poucos segundos, em poucos minutos, em poucas horas o que deve fazer? Se escolher mal, vai pagar anos a fio por uma escolha baseada em nada. As regras existem, existem sempre, mas você deve saber reconhecê-las e entender quanto valem. E depois as leis de Deus. As leis de Deus estão dentro das regras. As leis de Deus: as verdadeiras, porém, e não as que são usadas *pe' fa' trema' nu povaru cristu.**** Mas lembrem-se disto: podem existir quantas regras de honra vocês quiserem, mas só há uma certeza.

* Não pensem que um amigo será sempre um amigo.

** Por quem me escondeu.

*** Para fazer tremer um pobre cristão.

Vocês são homens se dentro de vocês sabem qual é o seu destino. *U povaru cristu** rasteja por ser mais cômodo. Os homens de honra sabem que tudo morre, que tudo passa, que nada fica. Os jornalistas começam com a vontade de mudar o mundo e acabam com a vontade de se tornar diretores. É mais fácil condicioná-los do que corrompê-los. Cada um vale por si só e pela Onorata Società.** E a Onorata Società te diz que você conta se mandar. *Después, puedes elegir la forma. Puedes controlar con dureza o puedes comprar el consentimiento.**** Você pode mandar tirando ou dando sangue. A Onorata Società sabe que todo homem é fraco, tem falhas, é vaidoso. Sabe que o homem não muda, daí por que a regra é tudo, os vínculos baseados na amizade sem a regra não são nada. Todos os problemas têm uma solução, desde a sua mulher que te larga ao seu grupo que se divide. E essa solução depende apenas de quanto você oferece. Se as coisas vão mal é que você ofereceu pouco, não o bastante, não procure outros motivos.”

Parecia um seminário para aspirantes a boss. Mas como era possível?

“Se trata de entender quem você quer ser. Se você assalta, estripa, estupra, esquarteja, vai ganhar por um tempo, depois te pegarão e te moerão. Você pode fazer isso. Sim, pode fazer. Mas não por muito tempo, porque você não sabe o que pode te acontecer, as pessoas te temerão somente se você lhes enfiar a pistola na boca. Mas e quando você lhes dá as costas? E se um assalto acaba mal? Se você é da organização, sabe que tudo tem uma regra. Se quiser ganhar, há modos de ganhar, se quiser matar, há motivos e métodos, se quiser abrir seu caminho, pode, mas tem de ganhar respeito, confiança e se tornar indispensável. Há regras até para se você quiser mudar as regras. Você não pode prever o desfecho de algo que fez fora das regras, mas sabe exatamente a que te levará aquilo que fizer segundo as regras de honra. E sabe exatamente quais serão as reações de quem o rodeia. Se vocês quiserem ser homens comuns, vão em frente. Se quiserem se tornar homens de honra, têm de ter regras. E a diferença entre um homem comum e um homem de honra é que o homem de honra

* O pobre cristão.

** Honrada Sociedade, como são chamadas as organizações mafiosas Cosa Nostra, Camorra e 'Ndrangheta. (N. T.)

*** Depois, você pode escolher a forma. Pode mandar com dureza ou pode comprar o consentimento.

sempre sabe o que acontece, o homem comum é fodido pelo acaso, pelo azar, pela idiotice. Acontecem coisas com ele. Já o homem de honra sabe que essas coisas acontecem e prevê quando. Você sabe exatamente o que te pertence e o que não te pertence, saberá exatamente até onde poderá ir, mesmo que queira ir além de todas as regras. Todos querem três coisas: poder, boceta e dinheiro. Também o juiz quando condena os maus, e inclusive os políticos, que querem dinheiro, boceta e poder, mas querem obtê-los mostrando-se indispensáveis, defensores da ordem ou dos pobres ou de sabe lá o que mais. Todos querem *money* dizendo querer outra coisa ou fazendo coisas para os outros. As regras da Onorata Società são regras para mandar em todos. A Onorata Società sabe que você pode ter poder, boceta e dinheiro, mas sabe que o homem que sabe renunciar a tudo é aquele que decide a vida de todos. A cocaína. A cocaína é isso: *all you can see, you can have it.** Sem cocaína você não é ninguém. Com a cocaína você pode ser como quiser. Se você dá um tiro, você se fode com as próprias mãos. Se não está na organização, nada do mundo existe. A organização te dá as regras para subir na vida. Te dá as regras para matar e também te dá as regras que te dizem como você será morto. Quer viver uma vida normal? Quer não ter nenhuma importância? Pode. Basta não ver, não ouvir. Mas lembre-se de uma coisa: no México, onde você pode fazer o que quiser, se drogar, comer meninas, entrar num carro e acelerar tanto quanto quiser, manda de verdade somente quem tem regras. Se vocês fazem cagadas, não têm honra, e se não têm honra, não têm poder. São como todos.”

O policial então aponta com o dedo: “Olha, olha aqui...”, uma página da sua agenda particularmente maltratada. “Este queria explicar tudo. Como se vive, não como se é mafioso. Como se vive.”

“Trabalhe, e muito. *You have some money*, algum dinheiro. Talvez tenha mulheres bonitas. Mas pode ser que as *fimmine* te deixem por outro mais bonito e com mais grana do que você. Você poderá ter uma vida decente, pouco provável. Ou quem sabe uma vida nojenta, como todos. Quando for parar na cadeia, os de fora te insultarão, os que se consideram limpos, mas você terá mandado. Te odiarão, mas você terá comprado o bem e tudo o que queria. Terá a organização com você. Pode acontecer que você sofra um pou-

* Tudo o que você pode ver, você pode ter.

co e talvez te matem. É evidente que a organização está com quem é mais forte. Vocês podem escalar montanhas com regras de carne, sangue e dinheiro. Se ficam fracos, se erram, estão fodidos. Se acertam, são recompensados. Se erram ao se aliar estão fodidos, se erram ao fazer a guerra estão fodidos, se não sabem manter o poder estão fodidos. Mas essas guerras são lícitas, *are allowed*. São as nossas guerras. Vocês podem vencer e podem perder. Mas só num caso perderão sempre e do modo mais doloroso possível. Se vocês traírem. Quem tenta se meter contra a organização não tem esperança de vida. Você pode escapar da lei, mas não da organização. Pode até escapar de Deus, *ca tantu Dio u figghiu fujuto** sempre espera. Mas não se pode escapar da organização. Se você trai e escapa, se te fodem e você escapa, se você não respeita as regras e escapa, alguém pagará por você. *They will look for you. They will go to your family, to your allies.*** Você estará sempre na lista. E ninguém nunca poderá apagar seu nome. *Nor time, nor money.**** Você está fodido eternamente, e também sua descendência.”

O policial fechou a agenda. “O rapaz saiu como de um transe”, disse. Lembrava de cor as últimas palavras do mexicano: “E eu agora, estou traindo ao te deixar ouvir estas palavras?”.

“Escreva”, acrescentou o policial. “Nós estamos de olho nele. Boto três homens atrás dele 24 horas por dia. Se alguém tentar se aproximar dele, saberemos que não falou bobagem, que essa história não era uma palhaçada, que quem falava era um *capo* de verdade.”

O relato me deixou pasmo. Nas minhas bandas sempre agiram assim. Mas era estranho para mim ouvir aquelas mesmas palavras em Nova York. Nas minhas bandas você não se afilia apenas por grana, você se afilia principalmente para fazer parte de uma estrutura, para agir como num tabuleiro. Para saber exatamente que peão mover e em que momento. Para reconhecer quando está em xeque. Ou quando você é bispo, e você e seu cavalo foderam o rei.

“Acho arriscado”, disse a ele.

“É um equívoco”, ele insistiu.

“Não creio”, retruquei.

* Porque, afinal, um filho transviado Deus [sempre espera].

** Procurarão você. Irão atrás da sua família, dos seus aliados.

*** Nem o tempo nem o dinheiro.

Eu rolava na cama de um lado para o outro. Não pegava no sono. Não era o relato em si que tinha me impressionado. Era toda a cadeia que me deixava perplexo. Eu havia sido contatado para escrever o relato de um relato de um relato. A fonte, entendendo por ela o velho *boss* italiano, por instinto me parecia confiável. Um pouco porque, quando você está longe do seu país, quem fala a sua língua, quero dizer, exatamente a sua língua, com os mesmos códigos, as mesmas locuções, os mesmos vocábulos, as mesmas omissões, você reconhece imediatamente esse alguém como um dos seus, como uma pessoa que você pode ouvir. Depois porque aquele discurso se dera no momento certo, diante precisamente das pessoas que deviam ouvi-lo. Se verdadeiras, aquelas palavras teriam assinalado a mais temível das reviravoltas possíveis. Pela primeira vez, os chefões italianos, os últimos calvinistas do Ocidente, estariam adestrando as novas gerações de mexicanos e latino-americanos, a burguesia criminosa nascida do narcotráfico, a leva mais feroz e faminta do mundo. Uma mescla pronta a comandar os mercados, a ditar leis nas finanças, a dominar os investimentos. Extratores de dinheiro, construtores de riqueza.

Eu estava com uma ansiedade que não sabia administrar. Não conseguia ficar parado, a cama parecia uma mesa de madeira, o quarto parecia uma toca. Queria pegar o telefone e ligar para o policial, mas eram duas da manhã e temi que ele me achasse louco. Fui até a escrivania e comecei a escrever um e-mail. Escrevi, mas precisava entender mais, queria ouvir diretamente a gravação. Aquelas palavras de adestramento eram o modo de estar no mundo não só de um afiliado da máfia, mas de quem quer que decidisse mandar nesta Terra. Palavras que ninguém pronunciaria com tamanha clareza, a não ser que não quisesse adestrar. Quando você fala em público de um soldado, diz que ele quer a paz e odeia a guerra, quando está a sós com o soldado você o ensina a atirar. Essas palavras queriam levar a tradição das organizações italianas para dentro das latino-americanas. Aquele rapaz não estava querendo enganar ninguém. Recebo um torpedo. O rapaz, o informante, tinha se espatifado contra uma árvore em alta velocidade. Nenhuma vendeta. Um carrão italiano que ele não sabia guiar. Contra uma árvore. Encerrado.